

A igreja velha da Misericórdia de Barcelos: arquitectura, pintura, retabulística e artes decorativas

José Ferrão Afonso

Resumo

A Misericórdia de Barcelos encontra-se actualmente instalada no antigo convento de S. Francisco, para onde se deslocou, em 1836, após a extinção das ordens religiosas ocorrida dois anos antes. A antiga sede da confraria foi cedida à Câmara e a sua igreja viria a ser incluída nos novos Paços do Concelho iniciados em 1849. Uma intervenção arquitectónica recente revelou a antiga igreja e o acesso a documentação inédita, depositada no arquivo da confraria, permitiu-nos reconstituir algumas das principais fases da sua construção e da execução dos retábulos e pinturas originais.

Palavras-chave

Igreja, Misericórdia, arquitectura, pintura, retábulos.

The old Misericórdia church of Barcelos: architecture, painting, altar pieces and decorative arts

Abstract

The Misericórdia of Barcelos is presently installed in the former convent of S. Francisco, to where it moved in 1836, after the dissolution of the religious orders held two years before. The former headquarters of the brotherhood were ceded to the Municipality and its church would be included in the New City Hall, begun in 1849. A recent architectural intervention revealed the old church, and access to unpublished documentation, deposited in the archives of the confraternity, has enabled us to reconstruct some of the major phases of its construction and execution of original paintings and altarpieces.

KeyWords

Church, Misericórdia, architecture, painting, altar pieces.

La antigua iglesia de la Misericordia de Barcelos: arquitectura, pintura, retabulística y artes decorativas

Resumen

La Misericordia de Barcelos está instalada en el antiguo convento de San Francisco, donde se trasladó en 1836, después de la extinción de las órdenes religiosas dos años antes.

La antigua sede de la cofradía fue cedida a la municipalidad y su iglesia se incluiría en la nuevo ayuntamiento, empezado en 1849. Una intervención arquitectónica reciente reveló la antigua iglesia y el acceso a documentación inédita, depositado en los archivos de la cofradía, nos ha permitido reconstruir algunas de las principales etapas de su construcción y ejecución de las pinturas y retablos originales.

Palavras Chave

Iglesia, Misericórdia, arquitetura, pintura, retábulos.

Algumas intervenções anteriores à edificação da nova igreja

A Misericórdia barcelense teria sido, segundo alguns autores, fundada em 1500 (Almeida, 1995:20). Outros, porém, apontam o ano de 1518, quando a confraria foi incumbida por D. Manuel I da administração do hospital da vila (Trigueiros [et.al.], 1998:88). Passou então a estar sedeadada na capela de Santa Maria, situada a norte do hospital do mesmo nome. Administrado pelo Concelho, tinha fachada e porta voltadas para a rua também chamada de Santa Maria (Pereira:1867:107), depois designada rua da Misericórdia. O hospital, bem como a gafaria da Fonte de Baixo sita junto da capela de Santo André, no lugar da Ordem, existiam pelo menos desde 1356 (Santa Casa, 1943:7-8). Em 12 de Maio de 1520, o «Venturoso» ordenou que as rendas dos gafos fossem anexas ao hospital (Pereira, 1867:107). Ambos são descritos num Tombo ordenado por D. Manuel em 1498, em que se indica que o hospital confrontava, pelo sul, com o Paço do Concelho (Santa Casa, 1943:8-9)¹.

Em 1518, imediatamente após a anexação à Misericórdia, o hospital estava muito danificado e mal provido por não ter oficiais², tendo o provedor ordenado uma série de pequenas obras de reparação³. Se, como referimos, existe uma boa descrição desse estabelecimento, as informações sobre o templo, junto dele, que foi sede da confraria, são bem mais escassas. Sabe-se, por exemplo, que por testamento datado de 15 de Outubro de 1520, Martim Machado ordenou que o seu corpo fosse sepultado na igreja de Santa Maria, diante do cruzeiro⁴. Mais tarde, em 11 de Maio de 1575, António de Mariz e Beatriz de Andrade, também por doação testamentária, deixaram à Misericórdia sessenta alqueires de pão para dar aos pobres, uma cama aparelhada e duas toalhas francesas para o altar-mor.

1 Ver também: Arquivo Histórico da Misericórdia de Barcelos, Armário A, nº167: *Copea autentica do tomo da gafaria do Hospital*, fl. 1 e ss.

2 A. H. M. B., Armário A, caixa 20, *Livro da gafaria & Hospital da casa da Misericórdia desta villa de Barcellos anno 1652*, 1518, Julho 4, fl. 7.

3 Idem, 1518, Julho 4, fl. 17v^o-18.

4 A.H.M.B., Armário A, 128. *Doações – Livro de testamentos e legados 1795*, Título 88, fl. 437.

Ordenaram também a construção de uma capela funerária; enquanto não estivesse concluída, as ossadas dos instituidores deveriam ser depositadas na vizinha Colegiada⁵.

Na documentação do arquivo, surgem igualmente várias referências documentais à casa do cabido, onde se realizavam as reuniões da confraria e os actos notariais. Por exemplo, em 1528⁶, ou bem mais tarde, em 1585, quando o pedreiro Bento Pires, morador em Barcelos, contratou com o provedor e Irmãos a abertura de um portal na escada que acedia à Misericórdia, obra pela qual receberia três mil réis⁷. No ano seguinte, sendo provedor Francisco de Gouveia, é a vez de ser contratada a construção de um retábulo-mor, de ordem compósita e três painéis, e de grades para a igreja, ao carpinteiro Domingos Lourenço, de Algosó. Para custear a obra, foi pedida a esmola do duque de Bragança, irmão da Misericórdia, dos fidalgos do termo e de outras «pessoas partyculares»⁸.

A igreja

É, todavia, no ano de 1590 que surgem, na documentação depositada no arquivo da Misericórdia, as primeiras referências à necessidade de uma intervenção que nobilitasse e expandisse as antigas instalações. Em 10 de Março desse ano, são comprados uns pardieiros para as obras de acréscimo do hospital:

«...Ajunto do Paço do Comcelho da mesma e parte da travesia cõ quintall do dito esptall e Paço do Concelho e d'aguia cõ emxido de Pero Nogueira e do suoão com casas de Pero Rodriguez carcereiro que foi da correição do dito mosteiro e darem e sayrẽ para o adro da Igreja da dita villa e praça della...»⁹.

O escudeiro Pêro Afonso e sua mulher Branca Luís venderam três quartos dos pardieiros, «que sam duas moradas»; a viúva de Afonso Lourenço, Inês Rodrigues e o seu filho o quarto restante. Em 5 de Dezembro de 1573, Inês Rodrigues tinha já vendido metade de uma casa situada na rua de Santa Maria à Misericórdia. Confrontava do vendaval «descontra a praça» com a casa do cabido da Misericórdia, do norte com casas de Palos Soares e «êtestam cõ casas ha rua publica». Em letra posterior, escreveu-se: «estas casas são onde hoje he casa da Meza»¹⁰.

5 A. H. M. B., Armário A, 128. *Doações – Livro de testamentos e legados 1795*, fl. 90 e ss.

6 A. H. M. B., Armário A. 163. Rendas. Livro VI de Prazos e Arrendamentos, nº 11, fl. 170, 1528, Setembro 21 «Casa da Mysericordia da villa de Barcellos em que se fazem os cabidos», sendo provedor o escudeiro Diogo Pires; Idem, nº 22, 1541, Dezembro 4, sendo provedor Manuel de Faria; Idem, nº 6, fl. 1547, Janeiro 10, fl. 263, sendo provedor Henrique Pinheiro. Em 1571, o pedreiro Gonçalo Pires, morador na vila, é testemunha de um acto notarial, podendo, portanto, o cabido estar em obras (Idem, nº 49, 1571, Dezembro 31, fl. 50vº, sendo provedor Manuel de Faria).

7 A. H. M. B., Armário A, *Livro das Eleicoens e Acordãos 1584-1628*, 1585, Novembro 10, fl. 12-12vº.

8 Idem, fl. 25 vº: «Termo de quando se mandou fazer retabollo da capella mor no anno de 1586». Ver Anexo Documental, doc. 1.

9 A. H. M. B., Armário B, *Compras, Livro II*, bloco 27, 1590, Março 10, s. n. fl.

10 Idem, 1573, Dezembro 5, fl. 24-24vº.

Alguns meses depois, sendo provedor Lopo de Almeida, em reunião da Mesa, discutiu-se sobre a necessidade de alargar e reedificar as instalações:

«...A nescecidade que esta cassa tẽ de se alargar e fazer hum frontall largo e fremosso por a cassa estar muito escura e muito estreita e estar muito perigosa por o corpo della ser de tigollo e de obra ãtiga e estar para cair. Pello que asẽtarão o procurador e jrmãos que se redeficase e largassẽ ...»¹¹.

Ficou também assente, na mesma reunião, que para as obras necessárias ficassem consignados os rendimentos da «metade do grão de Barcellos» deixado à Misericórdia pela viúva de Dinis Eanes, Maria Lopes; de duas casas situadas na Praça da Vila; de um palheiro na rua dos Velhos e ainda de uma leira em Vilar do Monte¹². No início do ano seguinte (1591), a 27 de Janeiro, Pedro Gonçalves da Cal e seu irmão Francisco Gonçalves contrataram com os Irmãos a construção de uma nova gafaria¹³.

No final desse ano, a 13 de Dezembro, a mesa deliberou sobre a escolha do melhor local para a construção da nova sede da confraria, obra para a qual Filipe I tinha contribuído com uma «esmola». Nessa mesma reunião, a nova localização foi a votos; porém, como tivessem faltado alguns irmãos, novo sufrágio foi efectuado a 29 de Dezembro. Os locais escrutinados foram três: a casa em que morava o sapateiro Brás Martins recebeu vinte e seis votos, a casa de Cristóvão Nogueira, na Praça, vinte e um e, finalmente a «casa da Misericórdia que ora he» obteve oito votos. Ficou, por conseguinte, decidido que a nova sede seria erguida no local onde se situava a habitação de Brás Martins «pela traça e mulduras que estão feitas»¹⁴.

A primeira pedra da igreja velha da Misericórdia de Barcelos, com frontispício, contíguo ao do Paço do Concelho, voltado para a Praça da Vila e as habitações que se localizavam junto da capela-mor da Matriz, seria lançada, segundo Domingos Pereira, abade de Louro, em 22 de Janeiro de 1593 (Pereira, 1867:108). Essa data, contudo, não estará correcta, pois o dia da conversão de S. Paulo, em que o mesmo informa ter decorrido a cerimónia, celebra-se a 25 do mesmo mês. Era então provedor António da Costa Homem e houve pregação a cargo do jesuíta João de Lucena (Pereira, 1867:108). Na véspera, os confrades reunidos tinham decidido que a efeméride fosse perpetuamente comemorada pela celebração de uma missa cantada¹⁵.

A falta de livros de obras respeitantes aos primeiros anos de construção da igreja torna as informações sobre esse período muito escassas e dispersas. Assim, refere-se, em 1594, o pagamento a Aleixo Carvalho de um chão, situado nas costas da capela, que tinha sido

11 A. H. M. B., Armário A, *Livro das Eleicoens e Acordãos 1584-1628*, 1590, Julho 8, fl. 48vº-49.

12 Idem, *Ibid.*

13 Idem, 1591, Janeiro 27, fl. 51 e ss. Ver Anexo Documental, doc. 2.

14 A. H. M. B., Armário A, *Livro das Eleicoens e Acordãos 1584-1628*, 1591, Janeiro 27, fl. 56.

15 A. H. M. B., Armário A, *Livro das Eleicoens e Acordãos 1584-1628*, 1593, Janeiro 24, fl. 61-61vº.

necessário para a construção da igreja¹⁶. No mesmo ano, o irmão Francisco da Costa Homem foi eleito responsável da obra: «...Correr com a obra da casa e cõ os officiais e cousas tocantes a dita obra...»¹⁷.

Segundo a epígrafe que se expõe no Museu Arqueológico da vila e se mostrava no cruzeiro, a igreja estaria concluída em 1596. Os trabalhos, todavia, prosseguiram durante mais algum tempo. Em 1602, por exemplo, Álvaro de Vilas Boas e sua mulher Madalena das Neves afirmam que a confraria lhes devia, há cerca de três anos, catorze mil duzentos e oitenta réis relativos ao «resto do ferro que vendeo para os tirantes da igreja nova» e comprometem-se a doar essa quantia de esmola à irmandade, em troca de sepultura na capela-mor da nova igreja¹⁸. Os tirantes teriam, portanto, sido colocados apenas cerca de 1598-1599, bem depois da data apontada para a conclusão do templo e, a partir de 1604, a existência de um livro de obras indica com mais precisão o seu andamento. Nesse ano procedeu-se ao lajeamento da igreja, ultimou-se o coro, construiu-se uma escada exterior que a ele acedia, rematada por um alpendre coberto e ameado, e concluíram-se os dois «altares pequenos» exteriores à capela-mor, provavelmente os colaterais ao cruzeiro¹⁹. Foi ainda aberta uma porta que dava acesso, a partir da igreja, à sala de reuniões do cabido, e construiu-se o púlpito²⁰. Simultaneamente decorriam obras no hospital, sendo seu mordomo Manuel Vaz²¹. No ano seguinte, 1605, a obra principal foi a das grades – muito provavelmente o gradeamento que apartava a capela-mor da nave – que custaram, incluindo os jornais de pedreiro, onze mil novecentos e vinte réis²². No mesmo ano, indica-se que as eleições dos irmãos se efectuavam na «capela», ou seja na capela-mor da nova igreja, e foi já a partir do novo púlpito que o capelão Francisco da Ponte leu à assembleia dos confrades, reunida na igreja, o extracto do novo compromisso, transcrito do da Misericórdia de Lisboa, relativo à eleição dos irmãos²³.

Em 1606, prosseguiu o trabalho de lajeamento da igreja, tendo sido gastos vinte e três mil cento e cinquenta réis²⁴. No ano seguinte, foram absorvidos em obras dezasseis mil novecentos e vinte e cinco réis, mais quatrocentos e oitenta réis que se deram ao «oficial dos nichos» das duas vezes que se deslocara a Braga, a pedido do provedor e irmãos, «sobre o partido de os fazer» e foram ainda entregues mais quinhentos réis de sinal da fechadura das grades ao serralheiro²⁵. Chegou então a altura de se tratar do retábulo-

16 Idem, 1594, Julho 3, fl. 68vº.

17 Idem, 1594, Julho 17, fl. 70.

18 Idem, 1602, Janeiro 8, fl. 6.

19 A referência, contudo, poderá aludir a altares abertos na parede exterior da capela-mor. A.H.M. B, Caixa 0. *Livro de Despesas de Obras 1604-1632*, 1604, Junho 27, fl.2 e ss. Ver Anexo Documental, doc. 3.

20 Idem.

21 Idem.

22 A.H.M.B., Caixa 0. *Livro de Despesas de Obras 1604-1632*, 1605, Julho 2, fl. 5vº.

23 A.H.M.B., Armário A, *Livro das Eleicoens e Acordãos 1584-1628*, 1605, Julho3, fl. 116vº.

24 .H.M.B., Caixa 0. *Livro de Despesas de Obras 1604-1632*, 1606, Julho 2, fl. 7.

25 Idem, 1607, Julho 8, fl. 8.

mor e, em 1608, o provedor entregou sessenta mil réis ao carpinteiro encarregue da sua execução²⁶. No ano seguinte, os nichos foram concluídos, tendo-se gasto neles sete mil réis e, em 1610, foram acertadas as contas, respeitantes ao seu trabalho no ano anterior, com o mestre do retábulo Gaspar Fernandes. Achou-se que este tinha recebido do provedor Francisco de Mariz Faria, no ano económico de 1609 que acabara em dia de Santa Isabel de 1610, vinte e seis mil e quatrocentos réis, que lhe foram pagos em diversas prestações²⁷. A 3 de Julho do mesmo ano, indica-se que tinham sido gastos em obras quarenta e quatro mil trezentos e oitenta réis, incluindo o retábulo «...e cortiças e pregadura e ferraje para o dito retabolo e caleiros e pedras de lajeamento e pilares...»²⁸. O retábulo, contudo, só estaria concluído em 1611, quando foram pagos a Gaspar Fernandes, morador na freguesia de Encourados, dezasseis mil seiscentos e cinquenta réis: «...A conta do dito retabollo e se obrigou ha trazer e por o dito retabollo ate domingo de Ramos que vem do presente anno de seiscentos e onze anos para o que obrigou sua pessoa e bês...»²⁹.

No ano de 1612, os Irmãos acertam contas com o tesoureiro João de Almeida sobre as despesas efectuadas na obra do «foro», frontispício e outras, em que se tinha gasto cento e setenta e cinco mil e setenta e nove réis, dos quais noventa e um mil duzentos e quarenta e oito «...erão da impesição...»³⁰. A alusão ao «foro» refere-se à cobertura interior da igreja: «...forassê o corpo da jgreja da dicta jgreja da Misericordia des o cruzeiro da abobada da capella mor ate a porta da igreja...», com painéis de madeira de castanho. Estes deveriam ser colados, sem «tacha», de modo idêntico ao que tinha sido praticado na igreja da Misericórdia de Guimarães: «...cõ as mesma mulduras e guarniçõins e entre talhos e laçarias (...) tirado que não sera de berço a dita obra...». O contrato, firmado em 24 de Janeiro de 1612 com os ensambladores Gaspar Fernandes e Manuel Álvares, orçou em oitenta mil réis³¹. Em 1613, as despesas respeitantes ao ano anterior relacionaram-se com intervenções no «cabido e janellas do coro», tendo ainda sido feitos trabalhos na «baranda de fora» do primeiro³². No dia 24 de Agosto do ano seguinte, o provedor e irmãos contrataram com «o mestre que conserta os orgãos que consertase os orgãos da Mia desta vyla que estavam desmanchados...»³³. Logo depois, a 28 de Setembro, os confrades

26 Idem, 1608, Julho 29, fl. 9-9vº.

27 Idem, 1610, Março 28, fl. 11.

28 Idem, 1610, Julho 3, fl. 12vº.

29 Idem, 1611, Fevereiro 27, fl. 13 vº. Em Maio do mesmo ano seriam ainda pagos sete mil reis a Gaspar Fernandes (Idem, 1611, Maio 1) e no ano seguinte, 1612, a 27 de Junho, surge o último pagamento: três mil seiscentos e quarenta reis e um carro de pão que se lhe deviam «a conta do retabollo» (Idem, 1612, Julho 27).

30 Idem 1612, Julho 30, fl. 14vº.

31 Arquivo Distrital de Braga, Notarial de Barcelos, *Diogo Valejo 1610-1612*, 1612, Janeiro 24, fl. 141-144. Ver Anexo Documental, doc. 4.

32 A. H. M. B., Caixa 0. *Livro de Despesas de Obras 1604-1632*, respectivamente 1613, Julho 2, fl. 15 e Julho 30, fl. 15vº.

33 Idem, 1614, Agosto 24, fl. 18-18vº. O conserto dos órgãos orçava em dez mil reis e, como a confraria não possuía essa quantia, o provedor Francisco Velho comprometeu-se a emprestar três mil reis, os restantes irmãos os sete mil em falta.

assentaram com o organista Tomé da Costa:

«...Que lhe avjão de dar mil e seiscentos réis por tanger em todos os dias da obrigação da casa assim nas misas como vespas e completas e todas as mais que são da obrigação da dita casa e se obrigou e asinou ...»³⁴.

O órgão foi colocado no coro e, nesse mesmo ano, tinham-se dispendido nas «...vidrasas yunto aos altares de fora e a vidrassa do espelho do coro que todo custou trinta mil réis que se pagarão da ymposiçã...»³⁵. No ano seguinte, foi a vez das «...grades que se fizerão no coro para goarda dos orgãos e cortinas para os orgãos e tres fechaduras pera os orgãos...», bem como de um conjunto de pequenas intervenções no alpendre do cabido e nos telhados; foi também comprada cal e, no total, gastaram-se 15 mil réis. A despesa maior, contudo, seria com o «pano da tumba», que orçou em vinte e cinco mil réis³⁶. Neste período, a última obra importante na igreja seria contratada em 1623 ao pedreiro Manuel Gonçalves Pias, da freguesia de Carapeços: «...sobre se allevantar e acrescentar o pateo da dita casa e sobre o feitio da pia d'agoa benta...»³⁷.

Entretanto, como vimos, tinha sido concluído e colocado no seu lugar o retábulo-mor. Em 1617, o seu douramento e estofos foram acordados com o dourador Salvador Mendes de Faria, morador em Lisboa. Deveriam ser idênticos aos do retábulo-mor da Sé do Porto e, caso Salvador Mendes os não pudesse tomar a seu cargo, seriam da responsabilidade de André Peres. No documento indica-se que este último era «companheiro» do pintor Simão Rodrigues, a quem os confrades confiaram a pintura do retábulo e que o mesmo Simão Rodrigues fora o pintor encarregue do retábulo-mor da Sé do Porto³⁸.

O trabalho de Salvador Mendes, porém, não agradou aos confrades que o citaram, em Setembro de 1618: «...pera se vir louvar em pintores que revejão o dito retabullo se esta feito na forma da obrigação...»³⁹. Quanto aos retábulos colaterais do cruzeiro, a sua pintura, douramento e estofos foi acordada, em 12 de Janeiro de 1620, ao portuense Domingos Lourenço Pardo. A obra deveria estar concluída até ao S. João Baptista desse ano e o pintor do Porto deveria receber cinquenta mil réis por ela⁴⁰.

O mesmo Domingos Lourenço Pardo contrataria ainda a pintura de uma nova bandeira em 1620⁴¹. Em 3 de Julho desse mesmo ano, Domingos Lourenço e a Misericórdia assinaram um termo em que se declara que o pintor tinha cumprido todas as obrigações relativas à pintura dos retábulos e da bandeira; tinha recebido por esse trabalho trinta e sete mil réis,

34 A. H. M. B., Armário A, caixa 20, *Livro dos Acordãos 1602 a 1689*, 1614, Setembro 28, fl. 24.

35 A. H. M. B., Caixa 0, *Livro de Despesas de Obras 1604-1632*, 1614, Julho 3, fl. 15vº-16.

36 Idem, 1615, Julho 2, fl. 18vº-19.

37 Idem, 1623, Fevereiro 3, fl. 24-25vº. Ver Anexo Documental, doc. 5.

38 A. H. M. B., Armário A, Caixa 20, *Livro dos Acordãos 1602 a 1689*, 1617, Novembro 9, fl. 32. Ver Anexo Documental, doc. 6.

39 A. H. M. B., Armário A, Caixa 20, *Livro dos Acordãos 1602 a 1689*, 1618, Setembro 31, fl. 33vº.

40 Idem, 1620, Janeiro 12, fl. 39-39vº. Ver Anexo Documental, doc. 7.

41 Idem, Julho 2, 1620, fl. 40vº-41.

estando a confraria ainda a dever-lhe vinte e três mil⁴². Segue-se uma série de intervenções na igreja: em 1628, o púlpito foi substituído por outro «...de madeira de pao de nugeira quadrado ao moderno...», já que o antigo «...era mui desacomodado e por razão das obras que se fizerão não fiquava bẽ nẽ em proporsão...»⁴³.

Resta referir as obras do hospital. Ferreira de Almeida afirma que elas foram financiadas pelo real da água concedido por D. João V entre 1713 e 1716 (Almeida, 1990:20). António Ferraz, antigo provedor da Misericórdia de Barcelos, tem uma outra versão: a maior parte do hospital teria sido reedificada no século XVIII, tendo os reis D. João V, em 1715 e D. José I, em 1755, concedido para esse efeito a terça parte de uma contribuição designada «ceítal», durante alguns anos (Santa Casa, 1943: 7-15). Os trabalhos, porém, iniciaram-se bem antes disso: decorriam em 1624 e, no ano anterior, tinham sido gastos cinquenta e seis mil réis em pedraria e, em ordenados aos officas, mil duzentos e setenta e cinco réis; uma série de esmolos, entre elas as do arcebispo Primaz de Braga – cem cruzados – e do deão de Lamego D. António de Faria – sete mil réis – foram também destinadas a essa intervenção⁴⁴.

O passado e o presente

A igreja velha da Misericórdia de Barcelos seria desactivada, como referimos, em 1846. A construção dos novos Paços do Concelho obrigaria à demolição da sua fachada e coberturas, chegando até nós apenas as paredes laterais da nave e da capela-mor, bem como o arco cruzeiro. Do revestimento interior, restaram alguns azulejos de padrão seiscentistas nos nichos da capela-mor, outros, figurativos, já de Setecentos, também na ousia e, na nave, no ângulo formado entre a parede do lado do Evangelho e a do cruzeiro, uma outra fiada azulejar azul e branca; da mesma época, data ainda um pequeno painel junto da porta da casa do cabido. Os azulejos forravam por completo a igreja e, com eles, desapareceram também as grades de pau-preto, o púlpito, os cinco retábulos e outro mobiliário litúrgico⁴⁵. Se dos azulejos não há notícias, os últimos viram a ser postos em hasta pública, após a compra pela Câmara Municipal das antigas instalações da confraria em 1846:

«...Os cinco altares com seus retábulos, a grade e o pulpito de pau preto, as grades do coro, o anteparo da porta e todas as mais madeiras de pinho solhos e taburnos que tudo se achava na egreja do edeficio que foi da Mesericordia, hoje pertencente à Camara...»⁴⁶.

42 Idem, fl. 41 vº.

43 Idem, 1628, Fevereiro 20, fl. 61vº.

44 Idem, 1624, Julho 2, fl.27- 29vº.

45 Ver, por exemplo, o inventário de 1796: A.H.M.B., Armário A, Caixa 1. *Inventario de tudo o que ha*. No frontispício: «1796. Este Livro he para o inventario da Santa Caza da Mezericordia...», fl. 5-5vº.

46 Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Barcelos 02-47, *Actas das Sessões da Câmara de 1845 a 1851*, 1848, Novembro 4, fl. 100vº

Em 2 de Dezembro desse ano, Felisberto Peixoto da Fonseca, da freguesia de Santa Maria do Abade de Neiva, arrematou o «altar onde esteve São Caetano» pela quantia de nove mil e cem réis⁴⁷. Em 5 do mesmo mês, António Narciso de Magalhães, da vila de Barcelos, arrematou por quarenta e tres mil cento e trinta réis os «tres altares dourados»⁴⁸. A 10 do mesmo mês, o mesmo Felisberto Peixoto arremataria «os taburnos anteparos e altar que foi de Santo António», por três mil e quarenta réis⁴⁹. A 23 seria a vez do «retabolo e altar da extinta capela do Espirito Santo e o anteparo e ferragem e madeira de pinho e dos taburnos da extinta igreja da Misericórdia». Foram arrematados por João Nepomuceno de Almeida de Vasconcelos, da freguesia de Perelhal, por cinco mil e novecentos réis, não tendo existido arrematante para o altar do Espírito Santo⁵⁰.

Como refere Joaquim Pereira, cuja obra foi publicada em 1867, a igreja estava então «...demolida e transformada na sala das sessões e da secretaria da camara» (Pereira, 1867:108) e os violentos vestígios dessa profanação são ainda visíveis (figs. 1, 2, 3, 4). Nas paredes rasgaram-se sulcos para colocação de um piso intermédio, a escultura ornamental dos arcos, capitéis, pilastras e vãos foi arrancada (excepto no arco cruzeiro), abriram-se janelas de sacada e portas, o piso do subcoro foi rebaixado para se nivelar com o do vizinho Paço do Concelho, a capela-mor foi cortada por uma passagem em dois níveis que ligou o claustro à zona situada a nascente do templo, destruíram-se as coberturas e a fachada. Esta seria demolida e, em seu lugar, erguida uma nova, idêntica à do vizinho paço camarário medieval, com dois arcos apontados entaipados em que se rasgaram janelas de peitoril (Madureira: 1998:197). Na acta camarária relativa à arrematação dessa obra, refere-se: «... as columnas da porta da igreja e seus pedestaes são para a camara e a mais pedra da fronteira e arco do coro que não se empregar na obra será tão bem para a camara...»⁵¹.

A antiga igreja foi desvelada por uma nova intervenção, ocorrida entre 1996 e 2003, que esteve a cargo de uma equipa coordenada pelo Arq. Manuel Cabral Teles e incluiu os também arquitectos Susana Madureira, João Albergaria Oliveira, Diana Bizarro, Joaquim Flores, Sérgio Moreira e Miguel Gonçalves Dias. Procurou-se expurgá-la das malfeitorias oitocentistas e restitui-la, embora com resultados discutíveis, a uma espacialidade e morfologia próximas das originais. Possui uma nave única e capela-mor rectangulares, separadas por uma «fachada interior» composta por arco triunfal apoiado em pilastras toscanas, exibindo restos de pintura policroma rococó, ladeado pelos nichos das duas capelas colaterais, que foram da invocação do *Ecce Homo* (lado do Evangelho) e Nossa Senhora da Conceição (lado da Epístola) (Pereira 1867:108). Nas paredes laterais da nave

47 Idem, 1848, Dezembro 2, fl. 104.

48 Idem, 1848, Dezembro 5, fl. 106.

49 Idem, 1848, Dezembro 16, fl.107-107vº.

50 Idem, 1848, Dezembro 23, fl. 112.

51 A. H. C. M. B., 04-168, *Termos e Autos de Arrematação de obras 1849-1857*, 1849, Dezembro 1, fl. 6-7, citação a fl. 6vº.

abrem-se os dois arcos, assentes em capitéis jónicos estriados, que abrigaram as capelas funerárias. Pertenciam, no início do século XVII, entre 1601 e 1604, a Pedro de Faria (do lado do Evangelho) e António de Faria (do lado da Epístola)⁵².



Fig. 1 – Câmara Municipal de Barcelos. A antiga fachada da igreja da Misericórdia erguia-se, entre os torreões, no local onde se construiu o corpo central.



Fig. 2 – Nave e capela-mor da igreja na actualidade, após a intervenção ocorrida entre 1997-2003.

Segundo o abade de Louro, esta última foi instituída por Manuel de Faria, Morgado de Agrela, e adoptou esta designação: «capela do morgado da Agrela». A outra (de Pedro de Faria), foi do morgado de Vila Cova e os seus instituidores foram, como vimos, António de Mariz e Beatriz de Andrade, em 11 de Maio de 1575 (Pereira, 1867:108). Seria, portanto, trasladada para a igreja nova e, à margem do documento da instituição, depositado no arquivo da confraria, escreveu-se, em letra muito posterior: «declaração da fabrica da capela de S. Caetano»⁵³. Como não tivessem filhos, os instituidores António de Mariz e Beatriz de Andrade nomearam administrador a «Pero de Farya Maris filho de Francisquo de Maris seus sobrinhos d'elle Antonyo de Maris»⁵⁴, o que justifica ser esse Pedro de Mariz o seu administrador no início de Seiscentos. A capela fronteira, de Manuel de Faria, ou do Morgado de Agrela, estava em obras em 1627. Para elas tinham contribuído o mercador André Lopes, Catarina Gonçalves Guilheira e a viúva Isabel Francisca com sete mil cento e cinquenta réis. Conta que era relativa aos depósitos, que os sobreditos tinham em seu poder, de trinta alqueires de pão meado cada ano, feitos por parte de Leonor Velho Barreto, mulher do licenciado António de Faria que tinha sido seu administrador no início de Seiscentos. Por mandado do provedor da comarca, a Misericórdia era obrigada a metade da fábrica da capela e essa quantia era para ajuda da obrigação. O licenciado Manuel de Faria Barreto, filho de

52 A. H. M. B., Caixa 0. Livro de despesas de obras 1604-1632, fl. 3vº, despesas relativas a obras efectuadas desde 1601 até 27 Junho de 1604. Ver Anexo Documental, doc. 3.

53 A. H. M. B., Armário A, 128. *Doações- Livro de testamentos e legados 1795*, fl. 96.

54 Idem, 1575, Maio 11, fl. 90.

António de Faria e Leonor Velho Barreto, assinou então a quitação relativa a essa quantia⁵⁵. Em 1697, a capela do lado do Evangelho era administrada por André da Costa e Faria «como administrador do morgado que possue» e a do lado da Epístola por Pedro da Cunha Sottomayor «como administrador do morgado em que succedeo por morte de Manoel de Carvalho D'Eça da Barreta⁵⁶. O abade de Louro afirma ainda que ambas as capelas teriam sido administradas por Pedro da Cunha Sottomayor (PEREIRA, 1867:108).

Sobre a entrada da igreja, erguia-se o coro alto de madeira, assente num arco de pedra⁵⁷, actualmente substituído por uma estrutura em betão com guarda de ferro e vidro; do lado do Evangelho, os suportes do coro firmavam-se na antiga torre poente do Paço do Concelho que, nessa zona, serviu de parede lateral à nova igreja; o arco apontado gótico que aí se abre e que acedia ao alpendre do paço teve, por conseguinte, de ser encerrado para a construção da igreja (figs. 2,4). A cobertura da capela-mor, dada a espessura das paredes laterais, deveria ter sido originalmente projectada para ser de abóbada de canhão, pétrea e de caixotões. O contrato do forro da nave, de 1612, menciona, aliás, o cruzeiro da abóbada. Provavelmente na década de 80 do século XVII, quando um novo retábulo-mor foi colocado, ou quando se iniciaram, na segunda década do século seguinte, as obras do hospital, a capela seria ampliada para norte (fig. 3); dessas alterações resultaram o actual pano de parede testeira e a sua pequena fresta, intervenção que terá, obrigatoriamente, obrigado a mexidas na cobertura original. Posteriormente, deu-se a transformação do templo em sala de sessões e secretaria; sucessão de intervenções que terão feito desaparecer a abóbada de pedra original. Quanto à cobertura da nave, ela foi, como se referiu, em painéis de castanho. Eles, porém, não deixaram rasto, o que pode querer significar que se tenha optado, posteriormente, por um modelo bem mais simples e económico do que o inicial. Como se referiu, nos nichos da capela-mor existem ainda vestígios de azulejos seiscentistas de padrão, azuis e amarelos, enquanto do lado da Epístola se mostram também fragmentos de azulejaria figurativa setecentista. Se os primeiros serão da fábrica inicial, os segundos foram, com certeza, colocados posteriormente à ampliação. No exterior, do lado nascente, é ainda visível o cunhal da capela-mor quinhentista.

No início do século XVII já se referem as portas travessas da igreja⁵⁸ e no inventário de 1834 são mencionadas os «cinco reposteiros das portas da igreja»⁵⁹. Contudo, é possível que elas não fossem cinco, mas seis. A primeira era naturalmente a principal, destruída quando da intervenção oitocentista. Na nave, a porta do lado do Evangelho que dava acesso ao cabido ainda existe, embora com a moldura de meia cana mutilada, à esquerda da capela funerária (fig.4); de outra, frente a ela, também de «beigo», mas

55 A. H. M. B., Caixa 0. *Livro de despesas de obras 1604-1632*, 1627, Junho 27, fl.30.

56 A. H. M. B., Armário A. *Tombo dos bens e propriedades da Santa Misericórdia de Barcellos. Ano de 1697*, fl. 5- 5vº. Ver Anexo Documental, doc. 9.

57 A. H. M. B., Caixa 0. *Livro de despesas de obras 1604-1632*, fl. 3. Ver Anexo Documental, doc. 3.

58 A. H. M. B., Caixa 0. *Livro de despesas de obras 1604-1632*, fl. 3vº. Ver Anexo Documental, doc. 3.

59 A. H. M. B., Armário A. 130. *Inventários.1834. Inventario Igreja*, fl. 4.

de maiores dimensões, restam apenas dois segmentos de moldura que enquadram uma abertura posterior, igual à da casa do cabido. Essa grande porta acedia à escada exterior, colonada e alpendrada, que subia, adossada à parede da igreja, ao coro alto. A partir do pátio, igualmente alpendrado que se situava no topo dessa escada, uma quarta porta dava passagem para ele. O alpendre permitia ainda o acesso ao campanário, de que resta o arco superior no Museu Arqueológico local e encostou-se a um muro ameado que o ocultava e separava do espaço público da Praça da Vila; para aceder, a partir desta última, a essa escada e à zona posterior da igreja, abriu-se uma porta, que dava passagem a uma antiga congosta aí existente, e ergue-se um outro muro que separou o caminho das «casas do Medella» que lhe eram contíguas para nascente⁶⁰.



Fig.3 - Fachada lateral nascente da igreja, com os vestígios da intervenção oitocentista. À direita, a capela-mor prolongada para além do cunhal quinhentista, com a porta que acedia à sacristia joanina. Na nave vê-se uma das capelas funerárias, com um vitral moderno e, à sua esquerda, a porta que dava acesso à escada do coro.

Dada a sua localização e carácter semi-oculto, é bem possível que a porta do coro não possuísse reposteiro e, por conseguinte, tenha sido omitida no inventário a que nos

60 A. H. M. B, Caixa 0. *Livro de despesas de obras 1604-1632*, fls. 2-2vº e 3. Ver Anexo Documental, doc.3.

reportamos. A quinta porta, no lado do Evangelho da capela-mor, daria acesso à sacristia, que esteve no «roxio» existente a poente da igreja⁶¹ até às obras do hospital levadas a cabo por D. João V que abriram o claustro. Depois, a sacristia deslocou-se para o lado nascente do templo (Madureira,1988:197). Assim, a abertura, idêntica às anteriores, com moldura de meia cana e rasgada do lado da Epístola do santuário, permitiu o acesso à nova sacristia. Na nave da igreja existe ainda um vão, a meia altura na parede do lado do Evangelho, entre a porta do cabido e a capela, que serviu para abrigar o púlpito e mostra vestígios de pintura monocroma de cor azul (fig.4).



Fig.4-Nave e capela-mor do lado do Evangelho, mostrando em primeiro plano o pano de parede da antiga torre do Paço Concelhio, depois a sucessão de vãos correspondendo à porta do cabido, ao púlpito e a uma capela funerária. No arco cruzeiro, destaca-se o absidiolo e o ornato flamengo – que também existia no arco da capela lateral, mas foi arrancado – e, já na capela-mor, a primitiva porta da sacristia

O pórtico colunado⁶² da fachada, de cujo arco se conservam algumas aduelas no Museu Arqueológico da vila, assentava num patim a que acedia uma escadaria lateral, orientada para nascente e com catorze degraus. O pórtico deveria ser, como noutras igrejas da

61 A. H. M. B., Armário A., *Tombo dos bens e propriedades da Santa Misericórdia de Barcelos. Ano de 1697*, fl.5 vº. Ver Anexo Documental, doc. 8.

62 A. H. M. B., Caixa 0. *Livro de despesas de obras 1604-1632, 1623*, Fevereiro 3, fl. 24vº. Ver Anexo Documental, doc. 5.

confraria do Entre Douro e Minho, rematado por um nicho com a imagem da padroeira. Sobre ele devia-se rasgar, no frontão triangular de remate, o espelho do coro, ou óculo, mencionado no livro de obras. As janelas do coro, a que alude o mesmo manuscrito, devem ter sido igualmente rasgadas nesse frontão, bem como os nichos, cuja execução obrigou a que um oficial se deslocasse a Braga em busca de conselho. Se considerarmos essas janelas do coro como frestas, elas poderiam ser duas das quatro que o inventário de 1834 afirma existirem na igreja⁶³. É mais provável, todavia, que o inventário aludisse a duas frestas, hoje cerradas, que podem ter existido nas paredes laterais da nave, entre as capelas funerárias e do arco cruzeiro e a mais duas, actualmente também ocultas, na capela-mor.

Este tipo de igreja é análogo – embora com algumas variantes – no tipo de planta e de coberturas, nos alçados, sobretudo o principal, na planimetria, nos sistemas de iluminação e na panóplia ornamental, a outros templos da confraria erguidos, na segunda metade do século XVI ou já na primeira metade do seguinte, na zona do Entre Douro e Minho: Braga, Porto, Guimarães, Penafiel e Vila do Conde (Afonso, 2009). A estes pode-se ainda juntar a igreja da Misericórdia de Aveiro, bem estudada por Carlos Ruão (Ruão, 2007: 426).

Com antecedentes próximos na igreja matriz de S. João da Foz, de Francisco de Cremona e, mais recuados, nos templos medievais da região, essas características serão, pelo menos em termos de planimetria, retomadas na primeira igreja da Misericórdia vilacondense, erguida após 1534 e na de Braga (1561-1563), atribuída ao mestre pedreiro Manuel Luís (Ruão, 1996:202) e com uma forte influência coimbrã. Será, contudo, na igreja da confraria do Porto, cujo corpo foi concluído em 1568 e de que foi mestre o mesmo Manuel Luís (Basto, 1997, vol. I: 390-391), que lhe acrescentaria, entre 1585-1590, a capela-mor e o arco triunfal (Basto, 1997, vol. II: 109), que esse plano base se afirmaria e desenvolveria. A quem poderemos, portanto, atribuir o projecto de Barcelos?

A igreja era, nas suas linhas gerais, em termos morfológicos e planimétricos, muito semelhante à do Porto, embora com uma capela-mor ortogonal e com uma muito maior contenção formal. Contenção que se alargou ao arco cruzeiro e à cobertura da nave, que no Porto foi em caixotões de pedra; inovou, contudo, nas capelas funerárias laterais, que apenas viriam a ser abertas na nave portuense na terceira década do século XVII. No final de 1591, quando existia já um projecto, Manuel Luís ocupava há pouco tempo o lugar de mestre-de-obras do arcebispo de Braga D. Frei Agostinho de Jesus (Afonso, 1997:18-19). Desse modo, é provável que o templo de Barcelos tenha sido, pelo menos, supervisionado por ele; o mesmo viria, aliás, a suceder em Guimarães (Ruão, 1996:129). Saliente-se, a esse propósito, a presença, no lançamento da primeira pedra, do jesuíta João de Lucena, que esteve entre os consultores da capela-mor da Misericórdia do Porto concluída pouco antes (Basto, 1997: vol.2:137). Também o tipo de ornamentação «flamenguista» – os frisos de óvulos e diamantes encobertos por fina camada de *strapwerk* ainda perceptíveis

63 A. H. M. B., Armário A. 130. *Inventários.1834. Inventario Igreja*, fl. 4vº.

no arco cruzeiro e mais apagados nos arcos e pilastras das capelas da nave – bem como os capitéis jónicos estriados, que rematam estas últimas, são próprios da arte do mestre e do seu operoso círculo portuense (fig.4).

Vimos, também, que a construção do hospital decorria no início de Seiscentos e prosseguia nos finais do primeiro quartel, embora grandes obras tenham sido efectuadas já no século XVIII. No Tombo de 1697 refere-se, a poente da igreja, a existência de um «roxio», quadrangular, limitado a nascente pela sacristia adossada à parede da igreja, a sul pela casa do cabido e a poente pela casa do capelão, com porta para a rua de Santa Maria, a sul da qual se erguia o hospital⁶⁴. Como se referiu, a sacristia foi demolida quando das obras empreendidas no hospital por D. João V: ergueu-se então o actual claustro. Com apenas duas naves, que mostram ordem toscana, suportando os arcos do piso inferior e galeria arquitravada sobre colunelos, também toscanos, no superior, não se afasta muito do modelo estabelecido pelos seus congéneres nortenhos nos finais do século XVI.

Os retábulos e a pintura

Simão Rodrigues (c. 1569-1629) é um dos mais importantes e prolixos nomes do maneirismo da Reforma católica portuguesa, ou *Contra Maniera*. Pintou alguns dos mais importantes conjuntos retabulares da sua época: o da Sé de Portalegre, em colaboração com Fernão Gomes, e entre 1607 e 1620, uma série de grandes retábulos em Coimbra, na Igreja do Colégio do Carmo, na capela da Universidade, na Sacristia da Sé Velha, em Sant'Ana e Santa Clara, frequentemente em colaboração com Domingos de Oliveira Serrão (Serrão, 2001: 249-250). Não será, portanto, estranho que os confrades de Barcelos o pretendessem para a pintura do retábulo da sua igreja. Mais surpreendente, contudo, é a afirmação, por eles feita, de que Simão Rodrigues tinha sido o pintor dos painéis do retábulo da capela-mor da Sé do Porto, ainda hoje existentes, mas atribuídos ao portuense Francisco Correia. Retábulo que, conforme adiante D. Rodrigo da Cunha, teria sido encomendado, c. 1610, pelo bispo D. Gonçalo de Moraes (Cunha, 1623: 358). Os seus painéis viriam a ser repintados em 1747 pelo italiano Pachini (Gonçalves, 1972: 301-357). Vítor Serrão, contudo, afirma que, apesar dessas alterações, o estilo de Francisco Correia é ainda bem reconhecível neles, citando, a esse propósito, a «Adoração dos Pastores» semelhante às existentes na Colegiada de Barcelos e na Capela dos Alfaiates no Porto (Serrão, 1998: 48). Não sabemos se o pintor lisboeta ou, como pretendiam os confrades, o seu «companheiro» André Peres, que foi pintor da corte ducal de Vila Viçosa, sendo seus os painéis da igreja da Misericórdia de Arraiolos (1603) (Serrão, 1997-1998: 123-140) – a sua ligação aos duques de Bragança e, particularmente, a Teodósio II (1583-1630) justificaria a escolha para a pintura do retábulo de Barcelos – terão chegado a pintar o retábulo-mor,

64 A.H.M.B., Armário A, *Tombo dos bens e propriedades da Santa Misericórdia de Barcelos. Ano de 1697*, fl.5 vº. Ver Anexo Documental, doc. 9

visto que ele, por estar «muito velho e roto», seria substituído em 1685 por um novo, contratado ao bracarense Damião da Costa⁶⁵. De seu nome completo Damião da Costa e Figueiredo, foi o autor do risco e do entalhe de um retábulo para a igreja de Santa Clara de Amarante, sendo então designado «arquitecto» e «mestre de arquitectura» morador no Campo de Nossa Senhora a Branca de Braga (Brandão, 1984: 742-743) e entalhador do retábulo da capela de Nossa Senhora das Neves, em Azurara (BRANDÃO, 1984: 841-842, 853). De qualquer modo, é possível que a pintura original se tivesse mantido. No inventário, já citado, de 1796, menciona-se: «Item o altar- mor da igreja desta Santa Caza da Mizericordia, feito de talha dourada, com seu quadro de tapar...»⁶⁶ e, apesar de, como se referiu, o retábulo-mor ter sido posto em hasta pública em 1848, é possível que os irmãos tenham levado a pintura para a sua nova igreja onde, num inventário de 1860, se menciona, na capela-mor, «o painel de Nossa Senhora da Mizericordia»⁶⁷.

Sabe-se que, em 1620, três anos depois do contrato com Salvador Mendes de Faria, Simão Rodrigues passaria pelo Porto, ocupado que estava na execução dos quatro painéis do retábulo da igreja de São Domingos de Viana da Foz do Lima (Serrão 1983: 140). É possível que essa referência se relacione, igualmente, com a obra de Barcelos, contratada em 1617. Salvador Mendes de Faria, por sua vez, deverá ser o Salvador Mendes que, em 12 de Junho de 1600, se comprometeu, juntamente com Francisco Correia, a pintar e dourar as imagens dos Quatro Evangelistas que tinham sido contratadas pelo imaginário Gonçalo Rodrigues para a capela-mor da igreja da Misericórdia do Porto (Brandão 1984: 184-189). O mesmo dourará uma bandeira para a Misericórdia de Guimarães em 1617, cuja pintura esteve a cargo de Domingos Lourenço Pardo (Serrão, 1981: 68-70); no mesmo ano, o douramento e estofamento do retábulo-mor da mesma igreja, cujos painéis foram igualmente pintados por Domingos Lourenço Pardo, foi também cometido a Salvador Mendes (Serrão, 1981: 68-70).

Infelizmente, as pinturas de Lourenço Pardo também se perderam: em 1796 já não são mencionadas nos dois altares colaterais⁶⁸ e nos diversos inventários consultados não existe nenhuma referência à bandeira. Domingos Lourenço Pardo foi, com Francisco Correia, o mais importante pintor português da época; como referimos, foi o autor das tábuas da Misericórdia de Guimarães e c. 1620 pintou em Braga, dirigindo uma «companhia» de pintores, os quarenta painéis dos caixotões do tecto do convento de Beneditinas do Salvador, em que Vítor Serrão achou «referências iconográficas e estilísticas que remetem para Lisboa» e, principalmente, para Simão Rodrigues (Serrão, 1998: 269-270). Não terão elas partido do retábulo-mor da igreja da Misericórdia barcelense e, antes dele, do retábulo-mor da Sé do Porto?

65 A. H. M. B., Armário A, caixa 20, *Livro dos Acordãos 1602 a 1689*, 1685, Junho 1, fl. 160. Ver Anexo Documental, doc. 8.

66 A. H. M. B., Armário A. Caixa I, *Inventario de tudo que ha*, fl. 4.

67 A. H. M. B., Caixa 0, *Livro de Inventário de 1860*, fl. 3

68 A. H. M. B., Armário A. Caixa I, *Inventario de tudo que ha*, fl. 4vº.

Conclusão

A igreja da Misericórdia de Barcelos integrava-se num modelo inovador de templo, com planimetria, proporções, elevação e ornamentação semelhantes, que a confraria adoptará, no Entre Douro e Minho, sobretudo a partir da segunda do século XVI. As vicissitudes que esse templo posteriormente viria a sofrer serão, por si só, um case study na área da Conservação do Património. Os dados relativos aos seus retábulos, hoje desaparecidos, adiantam também um elemento importante: ao contrário do que a historiografia da arte aponta, o portuense Francisco Correia não terá sido o responsável pela pintura dos painéis do antigo retábulo-mor da Sé do Porto e a possibilidade da sua execução por Simão Rodrigues, também provável autor da pintura do desaparecido retábulo de Barcelos, onde se terá encontrado com Domingos Lourenço Pardo, poderá lançar alguma luz sobre a obra deste último e, de um modo geral, sobre a pintura contemporânea no Porto e no Entre Douro e Minho.

Bibliografia

AFONSO, José Ferrão. Manuel Luís. *Um contributo para o estudo de um mestre pedreiro quinhentista*. Separata de *Museu* [4] 6, 1997.

AFONSO, José Ferrão. Regressando a Alberti. As igrejas das Misericórdias do Entre Douro e Minho, de Vila do Conde a Penafiel: arquitectura e paisagem urbana (1534-1622). In *Actas das II Jornadas de sobre as Misericórdias quinhentistas «As Misericórdias Quinhentistas»*. Penafiel: Câmara Municipal de Penafiel, p.123-151.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de. *Barcelos*. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

BASTO, Artur de Magalhães. *História da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, 2 vols. Porto: Santa Casa da Misericórdia do Porto, 1997.

BRANDÃO, Domingos de Pinho. *Obra de talha dourada, ensamblagem e pintura na cidade e na diocese do Porto. Documentação I*. Séculos XV a XVII. Porto: [s.n], 1984.

GONÇALVES, Flávio. João Baptista Pachini e os painéis da Casa do Cabido da Sé do Porto. In: *Arquivo do Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian*, vol. V, Paris, 1972, p. 301-357.

MADUREIRA, Maria Suzana Milhases G.L. Os edifícios da Câmara de Barcelos. Passado Presente e Futuro. In *Barcelos Terra Condal. Congresso. Actas do Congresso Histórico e Cultural realizado em Barcelos de 22 a 24 de Outubro de 1998*. Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos, 1999, vol. 1, p.195-200.

PEREIRA, Domingos Joaquim. *Memoria Historica da Villa de Barcellos, Barcelinhos e Villa Nova de Famalicão*. Vianna: Typ. de André J. Pereira & Filho, 1867.

RUÃO, Carlos. *Arquitectura maneirista no noroeste de Portugal, italianismo e flamenguismo*. Coimbra: Electricidade do Norte, 1996.

RUÃO, Carlos. *O «Eupalinos» Moderno*. Dissertação (Doutoramento em História da Arte) apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra [texto policopiado], 3 vols. Coimbra, 2007 vol. 2.

SANTA Casa da Misericórdia de Barcelos.. Excerto do discurso que o Provedor Dr. António Miguel da Costa de Almeida Ferraz proferiu em sessão de 6 de Novembro do ano de 1909, que consta do Livro de Actas da Santa Casa, a fls. 306 e seguintes. In: *Memória da I Semana das Ofertas ao hospital realizada em 7 de Novembro de 1943*. Barcelos, 1943, p. 7-15.

SERRÃO, Vítor. *André de Padilha e a pintura quinhentista entre o Minho e a Galiza*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998

SERRÃO, Vítor. *Domingos Lourenço Pardo, mestre pintor do retábulo da Misericórdia de Guimarães (1616-1618): introdução ao estudo da pintura maneirista no norte. Separata de Mínia*, 2ª série, 3. Braga: Of. Gráf. Livr. Pax., 1981.

SERRÃO, Vítor. *História da Arte em Portugal. O Renascimento e o Maneirismo (1500-1620)*. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

SERRÃO, Vítor. *O Maneirismo e o Estatuto Social dos Pintores Portugueses*. Lisboa, 1983.

SERRÃO, Vítor. Uma obra desconhecida do Pintor Maneirista André Peres: As Tábuas do Antigo Retábulo da Misericórdia de Arraiolos (1603), *Callipole*, nº 5 / 6, Vila Viçosa, 1997 / 1998, p. 123 – 140.

TRIGUEIROS, António Júlio Limpo [et. al.]. *Barcelos Histórico Monumental e Artístico*. Braga: Edições APPACDM Distrital de Braga, 1998.

Anexo Documental

Doc.1

A.H. M. B., Armário A, *Livro das Eleicoens e Acordãos 1584-1628*, fl. 25 vº:

«Termo de quando se mandou fazer retabollo da capella mor no anno de 1586.

Aos vinte e cinco dias do mes de Setembro de mil e quinhentos e oitenta e seis annos em cabido e sendo presentes o Senhor Francisco de Gouvea provedor e jrmãos abaixo asynados por elles foy posto em votos a ordem que se teria para a casa e igreja ficar mais ornada asym de retabollo como de grades e sprytal para peregrynos porquanto tudo estava muito degnificado e velho e não conveniête para taal casa e acordarão que se fizesse hũu retabollo novo fermoso de castanho para o altaar moor de altura de dezouto palmos d'altura que fique cheo atee o forro da capella e a largura conveniente a elle com tres panees e seu frontespicio redôdo e os capitees das columnas de obra composita conforme as do altaar (fl. 26) moor da igreja matriz da dita vylla e os dous frontespycios dos panees piquenos redondos

de mea lua tudo bem acabado que nam tenha descomposição na altura grandura e medida como a capella requiere e pede e com seus cherobyns necessaryos nas columnas suas molduras e de booa groçura e de madeira seca lympe e boa. E sendo asym mandarião pedir ao duque Nosso Senhor que hee irmão da dita casa e a fidalgos que estam no termo desta vylla e pessoas partycullares esmolla para ajuda do dito retabollo e assim para hũas grades bayxas de torno que mandarião fazer e espytall e para o dito retabollo e grades serem feitas como se requiere para taal casa mandarão chamar a Domingos Lourenso carpinteyro d'Algozo que se obrigou ao fazer da dita maneira bem acabado e as ditas grades per preço e contia de trinta mil e seiscentos reis tyrado os mais custos que para a dita obra se requerem. Convem a saber pregadura e columnas de pedra ferros escapullas e tudo o mays pertencente para a dita obra que no cabo e no assentar della se declarara. E de todo mandarão fazer este asento para se saber a verdade e o asynarão aqui comigo Manoel (fl. 26vº) de Farya da Rua escryvão da dita casa que o escrevy»

Seguem-se as assinaturas.

Doc.2

Arquivo História da Misericórdia de Barcelos, Armário A, *Livro das Eleicoens e Acordãos 1584-1628*, 1591, Janeiro 27, fl. 51 e ss:

«Obrigação que os elleitos (...) fizerão para fazer a gafaria (...)

Dizemos nos Pero Gonçalves da Cal da freguesia de São João de Villa Boa e Francisco Gonçalvez seu jrmão da freguesia d'Arcuzello que he verdade que nos tomamos a obra da gafaria que os senhores provedor e jrmãos da Santa Misericordia desta villa ora querem fazer a quoa nos obrigamos fazer da maneira e pella ordem que nos foi mostrada e daremos a dita obra feita e acabada todo o que tocar ao nosso officio de pedreiro por todo o mes de Março que ora vem do presente anno a quoa nos daremos asi feita e acabada a prazimento dos ditos provedor e jrmãos e nos pagaram a rezão de trezentos reis a brasa da parede e os portais d'alvenaria que na dita obra fizeremos serarão (sic) muito bem feitos e nos nam pagarão por elles nem cada hũ delles mais que comtallas com a mais parede midimdo vazio por cheo e os cantos das esquinas asentaremos a escadria desbatados a ponteiro peço e asentados sem nenhũa maneira de racha pella banda de fora e hũ portall d'esquadria que na dita obra avemos de fazer o daremos chegado quebrado e lavrado por setecentos e simquoenta reis e o asentaremos a nosa custa contando nos e midindo a dita porta vazio por cheo e por o preso de trezentos reis cada brasa da parede da dita obra. Ha quoa os ditos provedor e yrmãos não serão mais obrigados que dar nos a midida certa da brasa de des palmos em qadrado como se custuma de maneira que nos daremos a dita obra perfeita com todas as achegas nesesarias sem que elles provedor e jrmãos dem cousa algũa e desfarems a obra velha a nosa

custa e quanto ao lugar (fl. 51vº) do peitoril e tabolamento delle e alcunhos que fizeremos nos pagarão a prazimento de todos ou por vista d'oficiais e resebemos logo ao fazer deste dous mil reis que levaremos a conta. E por asi pasar na verdade nos obrigamos a fazer a dita obra per nosas pessoas e bês a pederjuizo (sic) e da cadea e não a dando feita no dito tempo atras decllarado somos contentes que o dito provedor e jrmãos a mandem fazer ha nosa custa. E rogamos a Gaspar Pereira do Cano desta villa que esta fizese e nos asinamos estando mais por testemunhas Domingos Vas alfaiate desta villa e Manoel filho do espitaleiro e Gonçallo Annes do Bareiro de Santa Maria d'Abade e eu Gaspar Pereira que este fiz a seu rogo oje vinte e sete de Janeiro de mil e quinhentos e noventa e hũ anos».

Seguem-se as assinaturas

Doc.3

Arquivo Histórico da Misericórdia de Barcelos, Caixa 0. *Livro de despesas de obras 1604-1632*, fl. 2.

Despesas em obras efectuadas entre 1601 e 1604.

«Aos vinte e sete dias do mes de Junho de mil e seiscentos e quatro annos em Cabido presentes o provedor e jrmãos abaixo asinados tomarão conta das obras que nesta caza se avião feito de dia de Santa Iszabel do anno de seiscentos e hum ate hoie para deixarem declarado quanto avia rendido a renda da imposição no dito tempo e quanto se avia gastado nas ditas obras e acharão que na Caza se fizerão e pagarão os seguintes.

Item as duas cazas do hospital novo custarão quinze mil reis que tantos derão a Antonio Alvares irmão que então era 15000 reis.

A conta do dinheiro que a Caza deve a Antonio da Costa Homẽ, que emprestou para as obras do seu tempo como se vera no livro da conta, derão a Anna da Costa sua mulher nove mil e setecentos reis. 9700 reis.

Item da serventia que comprarão a Thome de Medella das suas cazas. A saber tapar a porta que tinha aberta contra a caza da Misericordia e o chão para o caminho da serventia que se fes entre a escada do choro e sua caza quatro mil reis e da parede da mesma caza que se desfes e tornou a fazer mil e des reis que tudo monta sinco mil e des reis. 5010 reis

(Fl. 2vº) Item dous carros de cal dous mil e dozentos e quarenta reis.

Item aos pedreiros de Viana a conta da obra desta caza sinco mil reis.

Item quarenta alqueires de cal mil e cento e noventa reis.

Gastou Manoel Vaz sendo mordomo nas obras das cazas do hospital nove mil e quattorcentos e setenta reis.

Item a Pero Gonçalves o Pato cõ hũ jornaleiro oito viteis de hũ dia que (sic) 160 reis.

Item a quẽ servio os pedreiros que fizerão a escada em lhes acaretar agoa e areia mil seiscentos e sinconta reis.

Item custou a obra da escada do choro cõ a porta e serventia nova que vai entre a escada e as casas do Medella e com as ameias e o pateo de çima cõ as colunas e cobertura e os dous altares pequenos de fora da capella sincoenta mil e quinhentos e outenta reis como se vera por 50. 580 reis.

(Fl.3) Item custou a obra do choro e porta delle forrado como esta e estante quarenta e oito mil reis e ao fiador que a veio acabar (por fogir o mestre a que se deo) derão mais tres mil reis por ququanto acharão que gastou muito de sua caza e a obra mereçia mais e seiscentos e simcoemta reis de pregadura e jornais que se derão a quem tornou a juntar as taboas do choro que tudo monta sincoenta e hum mil e seiscentos e sincoenta reis.

Item a Paulo Gonçalves pedreiro por quebrar trazer assentar e lavrar as pedras sobre que se armou o choro tres mil reis.

Item de barro para a obra da escada e porta quinhentos e sesenta reis.

Item a porca em que anda o sino, chapas e cadeia quatrocentos equarenta reis.

Item quarenta alqueires de cal mil e sesenta reis.

Item a Gonçalo Andre pedreiro por fazer os buracos para os traves do choro e bancos tres dias de jornal trezentos reis.

Item para as chapas da grade do choro quatrocentos e outenta reis.

(Fl. 3vº) Item a Anrique Fernandes pello alpendre e madeiramento do pateo do choro e polla porta que vai da igreja para o choro e polla outra porta que esta na serventia que vem da praça para o choro por entre as casas do Medella e escada do choro nove mil e quinhentos reis e de pregadura para tudo quatrocentos e sincoenta que tudo monta nove mil e noveçemtos e simcoemta reis.

Item dous carros de telha para o alpendre da escada quinhentos e outenta reis.

Item ferrolhos da porta do choro e fechadura e aldrabas e das portas travessas do corpo da igreja e da outra porta que vem da praça por entre a escada e caza do Medella gattos para o pulpito e pateo e mais ferros necessarios dous mil e quinhentos reis.

Item costou o pulpito asi como esta e porta delle e porta travessa que vem da igreja para o Cabido de pedraria e assim o laieamento desd'a grade do arco da capella mor athe as ombreiras das capelas de Pero de Faria e Antonio de Faria vinte e sete mil reis.

Item custou o madeiramento e portas do pulpito e a de baixo que vem da igreja para o cabido cõ sua escada e grade sinco mil e çento e quarenta reis.

(Fl. 4) Item dous carros de telha para o alpendre e varanda do pulpito quatroçentos e noventa reis.

Item quarenta e sinco alqueires de cal por hũa ves e des por outra para o pulpito e portas delle e pera o telhado das cazas do cabido mil e seiscentos e noventa reis.

Item de chumbo para os gattos do pulpito e do pateo do choro e a quem o asentou trezentos reis.

Item de quatro jornais de mudarem a parede das casas do hospitaleiro quatrocentos reis.

Item mais mil reis dos ferros que tem a grade do choro, fechadura e ferrolho da porta.

Somão estas addições atras declaradas como dellas se pode ver çento e noventa e outo mil e quinhentos e quarenta reis (...).»

Doc.4

Arquivo Distrital de Braga. Notarial de Barcelos. *Diogo Valejo 1610-1612, 1612, Janeiro 24, fl. 141.*

“Contrato que fizerão o provedor e irmãos da Misericordia desta villa.

Saibam quantos este estromento de contrato e obrigação virẽ que no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil e seiscentos e doze anos aos vinte e quatro dias do mes de Janeiro do dito ano na villa de Barcellos na caza do despacho (fl. 141vº) da Misericordia desta villa onde estavam presentes e juntos em meza por som de campa tangida Francisco de Maris Faria provedor da dita caza e bẽ asi Belchior d’Andrade e Cosme da Costa e Sebastião de Faria e Gaspar de Maris e o licenciado Domingos de Medella e Domingos Gonçalvez Bello e Domingos Gonçalvez vendeiro todos irmãos dos treze da dita caza e por eles foi dito que eles estavam contratados cõ Gaspar Fernandez emxambrador morador na freguesia de Sancta Cristina d’Algozo do termo desta villa e cõ Manuel Alvares morador na cidade de Braga a Crux da Pedra para que lhe forassẽ o corpo da jgreja da dicta jgreja da Misericordia des o cruzeiro da abobada da capella mor ate a porta da igreja que fica sendo todo o corpo da igreja o qual forrarão do modo seguinte. A saber de paneis na forma e orde que esta o forro da jgreja da Misericordia da villa de Guimaraĩns cõ as mesma mulduras e guarniçõins e entre talhos e laçarias que tẽ o forro da dita caza da Mizericordia de modo que digo de Guimaraĩns de modo que tera todo o feitio que tẽ a dita jgreja e asi o lavor e obra que tẽ a dita igreja cõ seus rompantes, tirado que não sera de berço a dita obra e a dita obra fara de madeira bẽ (fl. 142) seque e curada e lhe fara seu emtavolamento e os paneis serão bẽ colados e fixos de maneira que officas que entendão da dita obra lhe não ponhão tacha antes seja obra curiozamente lavrada e achabada e sera todo forado de madeyra de castanho tudo

bẽ junto e colado e por elles digo e que elles sobreditos oficiais Gaspar Fernandez e Manuel Alvarez porão de sua caza a madejra e pregadura e escadas e tudo o mais necessario para a dita obra sã a dita caza lhe ser obrigada a nada e por digo e que por fazer a dita obra no modo asima dito ate dia de Sancta Isabel do presente tinhão contratado de lhe dar oitenta mil reis cõ mais cinco mil reis de merenda no fim da obra cõ as mais clausullas e cõdiçoins abajxo declaradas. E por estarẽ presentes o dito Gaspar Fernandez e Manoel Alvarez sobreditos por eles foi dito que elles aceitavão a dita obra e se obrigavão a fazella na forma sobredita asi e da maneira que se atras contẽ a qual darião feita e acabada ate o dito dia de Sancta Isabel do presente anno cõ todas as mulduras e garniçoins e laçaria que atras se declarão e pello dito preço de oitenta mil reis cõ mais os (fl. 142vº) cinco mil reis de merenda sendo feita e acabada ate o dito dia e não acabando a dita obra ate o dito dia lhe não pagarão os ditos cinco mil reis de pitança antes emcorerião nas penas abaixo declaradas. E por elles ditos oficiais e mestres da dita obra foi dito que eles se obriguavão cada hũ per si e cada hũ pello todo acabar a dita obra no dito tempo e pelo modo atras declarado e sendo cazo que cõ effeito e perfeitamente a não acabẽ no dito tempo elles jrmãos da Misericordia que hora são e pello tẽpo forẽ sã mais citarẽ nõ requererẽ a elles officiaes meterão na dita obra officiaes que acabẽ e a fação e a acabẽ na forma asima dita e tudo o que mais levarẽ pagarão por conta delles ditos Gaspar Fernandez e Manuel Alvarez e alẽ disso elles sobreditos emcorerão em pena de trinta mil reis para a dita caza. E são contentes elles Gaspar Fernandez e Manuel Alvarez que por esta escritura se proceda sumariamente sã delonga nõ libelo e que querendo elles irmãos da Misericordia demandallos citados e executallos pello (fl. 143) asima dito por qualquer cousa das cousas acima ditas eles ditos officais fazião por seu procurador ao porteiro da camara ou ao estrebuidor do juizo ordinario desta villa que ora são ou pelos tẽpos forẽ pera que em nome delles seja qualquer delles citado requerido demandado e executado e pelos tais requerimentos cõvencidos a tanto que contra elles for dado sentẽça logo sejão prezos e que não sejão soltos ate cõ effeito se acabar a dita obra pello sobredito modo a custa delles oficiais. E pera mais abastança pareceram de presente Antonio Martinz da freguesia de Cabrejros do termo desta villa e Mateus Gonçalvez da cidade de Braga morador a Crux da Pedra e por elles foi dito que eles fiavão ao dito Manuell Alvares na metade da dita obra a fazella na maneira atras declarada e outrosi pareceo Francisco Rodriguez carpinteiro morador na freguesia de Escourados do termo desta villa pello qual foi dito que elle como fiador e principal devedor fiava a parte que cabe ao dito Gaspar Fernandez pello qual Gaspar Fernandez outrosi foi dito que elle fiava ao dito Manuel Alvarez e o dito Manuel Alvarez ao dito Gaspar Fernandez pera que cada hũ de per si e cada hũ pello outro e pello melhor parado (fl. 143vº) a cõprirẽ este contrato asi e da maneira que se declara cõ as condiçoins nelle conteudas e per o dito Manuel Alvares e seus fiadores foi dito que elles se desaforavão de juizes e justiças de seu

foro e se obrigavão a responder perante as justisas desta villa e pera serẽ citados e requeridos e demandados fazião e constetoião os mesmos procuradores que se atras declaram. E pellos tais requerimentos querẽ que contra eles se aja sentença e se façã ã suas pessoas e bens execussão e sejão prezos pera de cadea todo comprirẽ pagarẽ inteiramente pagarẽ e posto que de penhoras não serão soltos sã que a dita obra ser acabada e perfeita em todo na forma sobre dita ao que todo terẽ e cūmpriẽ como dito he hũs e outros obrigarão suas pessoas e bẽns asi movejs como de rais asi avidos como por aver e logo pellos ditos Gaspar Fernandez e Manuel Alvarez foj dito que eles confessavão ter recebido os ditos oitenta mil reis que he preço desta obra da mão delle provedor e irmãos hatras ditos e se derão delles por bẽ pagos e satjsfeitos porquanto os receberam perante mim tabeliam e testemunhas (fl. 144) abajxo nomeados por moedas de prata reales e tostoyns que perfizerão a dita cõtia de oitenta mil reis dos quais e derão por bẽ pagos emtregues e satisfeitos e a dita caza da Misericordia e provedor e mais irmãos por quites e livres doje pera sãpre do dito dinheiro. E asi outrogarão de parte a parte e mandarão fazer a presente e desta nota mandarão dar hũ estromento e estromentos todos de hũ teor as pessoas a que tocar e acajtarão de parte a parte. E eu tabeliam como pessoa publica estipulante e aceitante o estipulei e acaitej em nome dos presentes e ausentes o que toca e tocar deva estando a todo por testemunhas: Gaspar Gonçalvez e seu cunhado Manuel Pirez moradores nesta dita villa e Manuel d'Andrade filho de Belchior d'Andrade morador nesta villa e eu Diogo Vallejo tabelim ho escrevj. Dizẽ as emtrelinhas / e direito diz/ como fiador e principais pagadores. Que fiz na verdade. Sobredito tabeliam o escrevj.”

Seguem-se as assinaturas.

Doc.5

A. H. M. B. Caixa 0. *Livro de despesas de obras 1604-1632*, 1623, Fevereiro 3, fl. 24.

Contrato da «obra que pretendião fazer sobre se allevantar e acrescentar o pateo da dita casa e sobre o feitio da pia d'agoa benta.

Aos tres dias do mes de Fevereiro do anno presente de mil seiscentos e vinte e tres annos estando em mesa o provedor e irmãos da Santa Casa da Misericordia desta villa abaixo asinados hi foi contratado com Manoel Gonçalvez Pias pedreiro e morador na freguesia de Carapesos termo desta dita villa e apresada a obra que pretendião fazer sobre se allevantar e acrescentar o pateo da dita casa e sobre o feitio da pia d'agoa benta e tratando com elle sobre o preso se ouverão⁶⁹ com elle na forma seguinte. Que lho davão e se obrigarão a dar ao dito Manoel Gonçalvez trinta e sinco mil reis em dinheiro de contado fazendo elle a dita obra com as declarasans e apomtamentos seguintes. Item que a altura do pateo chegara ao lageamento da

69 «Ouverão» - leitura duvidosa.

igreja asi de sorte que fique o pateo de fora igual com o lageamento da igreja e o resio que fica na porta ficara todo ao olivel do lageado da igreja com o pateo de fora todo ao olivel. Item avera na escada da banda do nascente tera quatorse degraus vindo a responder o derradeiro degrao ao olivel do lageamento do patio em sima (fl. 24v^o). Item mais se fara hum pateo que fique ao olivel com a propria soleira da porta que vem para o coro e delle decerão tres degraos para a banda da rua de modo que não lanse na rua mais do que digo mais que hũ degrao. Item para a banda da prasa se meterão quatorse degraos na escada com a presensa de dous palmos e meio ou tres para aquella parte e as tais escadas e bases bem lavradas com a largura de dous palmos e hum carto na grandesa e largura da marca que fizera na porta do cabido na grade do cabido hu vape. Item com declaração que o corrimão que esta feito se tornara a por na forma em que a sobir a escada e o que faltar se pora tudo de novo asy perpianho como todo o mais necessario salvo ferro e caimbro. Item os silhares que estão digo de debaixo do corrimão fara muito bem feito e lavrados e bornidos ao picão para maior fortaleza e ficara serrado o vape que esta no perpianho velho e se lavrara todo de novo. Item no portal das columnas o fara de modo que venha a comparchar com a obra com seus limites (fl.25) e perfeisins que encubra a falta que se fizer no pedestal. Item mais fara hũa pia d'agoa benta metida na parede da dita igreja curiosa e de obra boa bem lavrada de boa pedra e curiosa e de pedra clara e de gram asy a das escadas como da pia e corrimam e perpianho fara de boa pedra e de gram conforme a obra o pede. E por estar presente o dito Manoel Gonçalves aseitou fazer esta obra pollo dicto preso por todo este tempo te o fim de Maio perfeita e acabada e da parte do provedor e mais irmãos asi se aceitou com declaração que o dinheiro lhe irão dando conforme for correndo a obra e de parte a parte asi se aceitou e obrigarão suas pessoas e bens e rogarão digo e o dito Manoel Gonçalves prometeo dentro no dito termo e tempo dar a obra perfeita e acabada sob pena de se lhe meterem officiais por jornall de dose vintens cada hum na obra a custa delle e os jrmãos se obrigarão (fl. 25 v^o) a irem fasendo o pagamento na forma acima dita sob pena de não correr com a obra e declarou Manoel Gonçalves que tudo se obrigava faser e dar a pedra necessaria para a obra e a chegar a sua custa e tudo fazer e cumprir no dito termo pello dicto preso de trinta e sinco mil reis ao que cumprir como dito he obrigarão pessoas e bens e rogarão a mim Gaspar de Faria Machado escrivão da casa que este fisesse que na verdade fis estando por testemunhas Leonardo de Faria Maris e Andre Canedo⁷⁰ da Silveira desta villa que todos aqui asinarão com os contratantes».

Seguem-se as assinaturas.

70 «Canedo» - leitura duvidosa.

Doc.6

A. H. M. B, Armário A, Caixa 20, *Livro dos Acordãos 1602 a 1689*, 1617, Novembro 9, fl. 32.

«Comtrato do Retabolo

Nos o provedor e jrmãos da casa da Santa Mezericordia desta villa de Barcellos abaixo asinados nos obrigamos por este pello escrivão da meza feito e per todos asinado de dar dozentos mil reis de dinheiro de comtado a Salvador Mendez de Faria morador na cidade de Lisboa ao Espirito Santo comtanto que nos de dourado estofado e pintado o retabolo do altar mor desta dita casa da Misericordia ate dia da Vizitação de Santa Isabel do ano que vem de seiscentos e dezoito e o dourado e estofado do dito retabolo sera conforme ao do retabolo da capella major da cidade do Porto e sera pintado por Simão Rodriguez morador na cidade de Lisboa que pintou o dito retabolo da Se e não podemdo elle vir sera por Amdre Peres companheiro do dito Simão Rodriguez e nos obrigamos a lhe não remover nem tirar esta (fl. 32vº) obrigação de pintar dourar e estofar o dito retabolo pello dar a outros ofeciais amtes daqui por diante lhe avemos por dada a dita obra e ysto com condisão que demtro de hũ mes da feitura deste traga procuração do dito Simão Rodriguez ou seu companheiro digo ou de seu companheiro Amdre Perez pera conforme a ysto se fazer escritura pubriqua com as obrigações nesesarias e as seguimtes convem a saber. Lhe daremos logo sesemta mil reis em dinheiro de comtado por todo o mes de Novembro prezemte e os coremta mil reis que faltão pera semto per todo Janeiro e pella Pascoa de Frores sem cruzados e os sesenta mil reis que faltão pera peremcher a copia dos dozentos mil reis lhe daremos dia de Santa Isabel do mesmo ano de seiscentos e dezoito e não acabando elle Salvador Mendez de Faria o dito retabolo no dito dia atras declarado lhe não daremos mais que semto e oitemta mil reis e se revera e fara com todas as mais clauzullas e condisões com que o bispo do Porto lhe deu o seu retabolo conforme a escritura de obrigasão que diso se fez com elle Salvador Mendez (fl. 33). E per verdade se mandou fazer este termo de comtrato que o dito Salvador Mendez de Faria se obrigou a cumprir per sua pessoa e bens e sendo nesesario disse que dava fiansa chã e abonada estando a todo por testemunhas Andre Cavallo da Silveira e o licenciado Jeronymo Coelho e Ambrozio Pereira todos moradores nesta villa que todos aqui assinarão com o provedor e mais jrmãos. Feito em mesa aos nove dias do mes de Novembro de mil e seiscentos e dezasete anos que eu Gaspar de Maris Mattos escrivão da caza que o escrevi».

Seguem-se as assinaturas

Doc.7

A. H. M. B, Armário A, caixa 20, *Livro dos Acordãos 1602 a 1689*, 1620, Janeiro 12, fls. 39-39vº.

«Contrato dos retabollos piquenos

Nos provedor e jrmãos da Santa Casa da Misericordia desta villa de Barcellos abaixo asinados nos obrigamos a pagar a Domingos Lourenço morador na cidade do Porto simquoentta mil reis em dinheiro de conttado per elle nos pintar e dourar e estofar os dous retabollos dos altares colaterais da Misericordia desta villa os quais sinquoentta mil reis lhe daremos convem a saber vinte mill reis logo pera se comprar ouro e tinttas e o de mais dinheiro que resta pera a ditto contia se lhe ira dando pello tempo adiantte atte serem pintados os dittos retabollos e por estar presente o ditto Domingos Lourenço se obrigou a pintar e dourar e estofar os ditos dous retabollos a sua custa na forma que esta estofado e dourado o altar mor com duas figuras de vullto hũa em cada hum dos dittos retabollos que tambem dourara e estofara na forma da dita obra do rettabollo o que todo fara pello dito preço de sinquoenta mil reis e os dara acabados ambos de dous atte dia de São João Bautista o presente de seis senttos e vintte e feita a dita obra sera vista per pessoa que o enttenda e determine se esta feita na conformidade do retabollo do alttar mor por que não o estamdo se compora a custa delle ditto Domingos Lourenço e não fazendo a obra no ditto tempo asima declarado se lhe não dara por ella mais do que corenta mill reis e assim o outrogou e ouve tudo por bem e se obrigou a comprar e gardar este contrato e dar fiança sendo caso que lha pesão e pera (fl. 39vº) todo comprar e gardar obrigou sua pessoa e bẽns moves e de rais avidos e por aver e elles dittos provedor e jrmãos se obrigarão a lhe comprar e gardar este contrato para que obrigarão os remdimẽtos e bẽns da dita casa da Misericordia e assim o rendimento da emposição que esta aplicado pera as obras della e sendo caso que elle ditto Domingos Lourenço não cumpra esta obrigação e contratto na forma atras declarada poderão elles provedor e jrmãos ou seus sosesores dar a dita obra a quallquer outro ofecial por contta delle Domingos Lourenço e assim outrogarão de parte a parte e se obrigarão a tudo cumprir e gardar hũs e outros e o asinarão estando a todo por testemunhas Antonio Reis morador nesta villa a Crus e Gaspar Gonçallves e Manoel Pires familiares desta casa da Mysericordia que aqui asinarão e eu Francisco Carneiro da Costa escrivão da Caza o escrevi»

Seguem-se as assinaturas.

Doc.8

A. H.M. B, Armário A, caixa 20, *Livro dos Acordãos 1602 a 1689*, 1685, Junho 1, fl. 160.

«Termo sobre o retabolo

Ao primeiro dia do mes de Junho do anno de mil e seiscentos e oitenta e cinco annos nesta villa de Barcellos e cazas do cabido da Santa Mizericordia dela adonde estavam em meza o provedor e mais irmans abaixo asinados ahi mandarão mandarão fazer

este termo de lembrança acerca da obra do retábulo para a todo o tempo constar na forma seguinte discrição que por razão de estar o retábulo muito velho e roto asentarão em meza se fizesse hum retábulo novo e com effeito se fes planta e se deu a obra na forma della ao mestre (fl. 160vº) Damião da Costa da cidade de Braga em preço de cento e des mill reis de que se fes escriptura na nota de Baptista Correa e logo recebeo a conta sinquenta mil reis aos vinte e tres dias do mes de Janeiro do anno proximo pasado de oitenta e quatro e com effeito per o retábulo e lhe acabarão de pagar com sesenta mil reis de rendas pago ao irmão tesoureiro Francisco Gomes e per se achar era necesario concetarse tambem as colunas da tribuna e concertar se os frisos e fazer se hum arco novo lhe derão esta obra em preço de doze mil reis e depois do dito mestre ter tudo acabado se meterão artífices para verem a obra se estava na forma da planta como ficara na dita escriptura e com effeito se louvou a mesa em Vicente da Rocha do lugar de Villa Nova de Famelicão e o dito mestre em hum mestre de Braga que por nome não perco os quaes virão a obra e per acharem que em parte não correspondia a planta avaliarão os defeitos em dose mil reis ou que o mestre os compusesse por sua conta e com effeito prometeo o mestre o fazer o ditto concerto e sendo avizado para o vir fazer o não tem feito antes recuza fazello por onde asentarão se lhe não pagasem os doze mil reis da tribuna pois não vejo concertar o deffeito que se achou que foi avaluado na dita quantia e que do mais que são os cento e des mil reis estava pago de que se fez este termo que asinarão eu Troquato Fernandes Almeida escrivão desta Caza que o escrevi e asinei».

Seguem-se as assinaturas

Doc.9

A. H. M. B., Armário A. *Tombo dos bens e propriedades da Santa Misericordia de Barcellos.* Ano de 1697, fl. 5.

«Titulo dos bens que sam possuidos pella Sancta Caza

Tem esta Sancta Caza da Mizericordia huma Igreja que corre de norte a sul que tem sua capella mayor com dous altares colaterais hum de Nossa Senhora da Conceyçam, e outro do Esse Homo e mais duas capellas, huma da parte do Evangelho, que fabrica Andre da Costa e Faria como administrador do morgado que possue e outra da parte da Epistola que fabrica Pedro da Cunha Sottomayor como administrador do morgado em que succedeo por morte de Manoel de Carvalho Deça (fl. 5vº) da Barreta. Tem mais hum quintal para a parte do nascente, que parte do mesmo nascente com quintal de Baptista Correa e Domingos Correa desta villa e do poente com a capella mayor da igreja desta Santa Caza e do norte com quintal dos herdeyros de Maria Sousa Vellozo e do sul com caminho cangosta que vay para o mesmo quyntal e com a capella que fabrica o dito Pedro da Cunha Sottomayor: tem de comprido de norte a sul honze varas e de largo pella testada do norte quatro

varas e meya e pella do sul tem cinco varas e huma tersa.

Tem mais pella ditta parte do nascente da dita igreja huma cangostinha que sae do mesmo quintal que parte do nascente com cazas do dito Baptista Correa e do poente com a Igreja e capella que fabrica o ditto Pedro da Cunha e do norte com quintal acima medido e do sul com saida da dita cangosta e caza do dito Baptista Correa: tem de comprido de norte a sul cinco varas e de largo pella parte do norte huma vara e pella do sul duas varas e meya.

Tem mais outra cangostinha que sae pella beyra da escada do choro com porta para o pe do patio da dita Sancta Caza.

Tem mais para a parte do poente da Igreja huma sacristia e logo ao diante hum roxio na saida da porta da sacristia que tem de comprido de nascente a poente cinco varas e duas terças e de largo tem outras cinco varas e duas terças

Tem mais para a parte do sul do dito roxio huma caza que serve de despacho a qual he sobradada e por baixo serve de selleyro a qual (fl. 6) tem de comprido de nascente a poente cinco varas e huma quarta e de largo de norte a sul cinco varas.

Tem mais para o sul da dita caza huma cazinha pegadado nella que vay entestar na caza do passo do conselho a qual cazinha he terrea e serve de depejo que parte do sul com o passo do conselho e do poente com cazas da dita Sancta Caza que serve de hospital tem de nascente a poente duas varas e meya e de norte a sul tem duas varas e terça.

Tem mais para a parte do poente do roxio acima medido huma caza sobradada em que assiste o padre capellam da Sancta Caza que tem sua saida e escada de pedra para a rua da Misericordia que tem de comprido de nascente a poente nove varas e de largo pella testada do nascente tem dez varas, digo tem duas varas e tres quartas digo, duas varas e duas terças e pello poente tem duas varas e tres quartas e partem do norte com cazas de Marcos Francisco Bargado e do sul com a caza do hospital

Tem mais para o sul das cazas acima medidas as cazas do hospital sobradadas com suas loges que partem do norte com as cazas acima medidas e do sul com o passo do conselho e do nascente com a caza do despacho e a cazinha de despejos atras medidas e do poente com a rua da Misericordia tem de cumprido de nascente a poente nove varas e de largo de norte a sul tem sette varas medida pello meyo».

Nota Biográfica

Licenciado em História, variante da Arte, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Mestre em História, variante da Arte, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto
(bolseiro da JNICT)

Doutorado em Teoria e História da Arquitectura pela Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona, da Universidade Politécnica da Catalunha (Bolseiro da FCT) Assistente regente da Escola das Artes da UCP/CRP, investigador do CITAR/ARTES da UCP/CRP, bolseiro de pós-doutoramento da FCT. Este artigo insere-se no âmbito do projecto “o Norte no Sul”, a decorrer no CITAR/ARTES e do pós-doutoramento do autor. Completou, tendo como instituição de acolhimento a Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, o primeiro ano de um pós- doutoramento cujo tema é a arquitectura do Norte de Portugal no século XVI (c. 1520. - c.1640). Foi bolseiro da FCT no primeiro ano do pós-doutoramento.

JAFONSO@PORTO.UCP.PT